



1290003177



TCC/UNICAMP Sa59s

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Lucia Helena dos Santos

065217007

A SEXUALIDADE INFANTIL NA CRECHE: O QUE PENSAM EDUCADORES E
FUNCIONÁRIOS – UM ESTUDO DE CASO EM JAGUARIÚNA-SP.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Campinas
2006

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Lucia Helena dos Santos

**A SEXUALIDADE INFANTIL NA CRECHE: O QUE PENSAM EDUCADORES E
FUNCIONÁRIOS – UM ESTUDO DE CASO EM JAGUARIÚNA-SP.**

Projeto de Pesquisa apresentado à
Faculdade de Educação, para realização
do Trabalho de Conclusão de Curso, sob
orientação do Prof. Dr. César Ap. Nunes.

Campinas
2006



1290003177



TCC/UNICAMP Sa59s

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Lucia Helena dos Santos

065217007

A SEXUALIDADE INFANTIL NA CRECHE: O QUE PENSAM EDUCADORES E
FUNCIONÁRIOS – UM ESTUDO DE CASO EM JAGUARIÚNA-SP.

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

Campinas
2006

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Lucia Helena dos Santos

**A SEXUALIDADE INFANTIL NA CRECHE: O QUE PENSAM EDUCADORES E
FUNCIONÁRIOS – UM ESTUDO DE CASO EM JAGUARIÚNA-SP.**

Projeto de Pesquisa apresentado à
Faculdade de Educação, para realização
do Trabalho de Conclusão de Curso, sob
orientação do Prof. Dr. César Ap. Nunes.

Campinas
2006

© by Lúcia Helena dos Santos, 2006.

UNIDADE:	F.C
Nº CHAMADA:	
V:	EX
TOMBO:	3177
PROC.:	145/07
C:	
D:	X
PREÇO:	
DATA:	28/03/07
Nº CPD:	145/07

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Santos, Lúcia Helena dos.
Sa59s A sexualidade infantil na creche: o que pensam educadores e
funcionários / Lúcia Helena dos Santos. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : César Aparecido Nunes.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Sexualidade. 2. Infância. 3. Creches. I. Nunes, César Aparecido.
II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

07-011/BFE

ÍNDICE

• Resumo _____	6
• Justificativa _____	8
• Introdução _____	10
• 1 Objetivos _____	12
• 2 Metodologia _____	13

Capítulo I

3. Infância e Sexualidade

• 3.1 A História Social da Infância _____	16
• 3.2 O Desenvolvimento Humano sob a Perspectiva de Piaget _____	18
• 3.3 Conhecendo um pouco sobre o desenvolvimento da sexualidade Infantil _____	21
• 3.4 Desenvolvimento Psicosexual segundo Freud _____	23

Capítulo II

4. Escola e Sexualidade

• 4.1 Educação Sexual Escolar _____	28
• 4.2 Comportamento Sexual da criança Pré-escolar _____	31
• 4.3 Manifestações Sexuais Observadas _____	33

Capítulo III

5. Educadores e Funcionários

• 5.1 Dilemas de Educadores e Funcionários _____	37
• 5.2 Posturas de Pais e Educadores _____	39
• 5.3 O pensamento dos Profissionais do CEI _____	41

Considerações Finais _____ 47

Referências Bibliográficas _____ 51

Anexo _____ 54

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais, Paulo e Clarice, que sempre respeitaram e apoiaram minhas escolhas com muito amor e dedicação. Ao meu irmão Junior e sua esposa Roseli, pelo incentivo de todos os momentos, à minha querida sobrinha Julia, que espero um dia ver percorrendo os caminhos da universidade e aos amigos de todas as horas, que sempre torceram por mim.

Agradecimentos

A Deus pelas bênçãos derramadas sobre minha vida, pelo amparo nos momentos difíceis e por ter iluminado o percurso desta pesquisa.

Aos meus pais, Paulo e Clarice, por acreditarem no meu potencial, pelo apoio às minhas escolhas, pelo respeito aos momentos de estudo e pelo imenso amor dedicado a mim todos os dias de minha vida.

Ao meu Irmão Junior e cunhada Roseli, pelo total incentivo e por acreditar no sucesso deste trabalho.

Ao professor Dr. César Nunes por confiar e aceitar ser meu orientador e pela dedicação e atenção para comigo e a pesquisa.

Aos professores da graduação que muito contribuíram para a minha formação e às amigas de curso pelos momentos vividos durante a Pedagogia.

À Alessandra, Diretora e amiga, por autorizar a realização da pesquisa no Centro de Educação Infantil, pela paciência ao ouvir meus desabaços, pelas palavras de incentivo, pela compreensão e apoio nos momentos difíceis e pelo carinho e amizade que sempre dedicou a mim.

À Elaine, amiga e companheira de todas as horas, por compartilhar de minhas angústias, por auxiliar-me durante a realização desta pesquisa e por fazer parte de minha vida oferecendo uma linda amizade.

Às funcionárias do CEI pesquisado, que com muita disposição e boa vontade, contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos amigos que sempre estiveram ao meu lado, pelo companheirismo e pelos vários momentos divertidos que juntos passamos, ajudando a aliviar a tensão do dia-a-dia.

A todos vocês que fizeram parte direta ou indiretamente desta pesquisa, o meu muito obrigada!

“Trate de conhecer-se a si mesmo. A tarefa é mais árdua do que parece”.

Miguel de Cervantes

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo elucidar a compreensão acerca do desenvolvimento psicosssexual humano, ou seja, como ocorre o desenvolvimento da sexualidade infantil, quais as manifestações sexuais mais freqüentes em crianças pré-escolares, bem como, investigar como os profissionais da educação lidam com estes comportamentos, qual a visão que possuem, quais as dúvidas mais freqüentes, o que lhes causa maior inquietação e quais as posturas adotadas frente às manifestações sexuais das crianças.

Para tal, esta pesquisa foi realizada em um Centro de Educação Infantil (C.E.I) no Município de Jaguariúna que atende 130 crianças, de 4 meses a 4 anos em período integral e de 5 e 6 anos em meio período. Foram realizadas observações semanais, a fim de acompanhar o comportamento das crianças e identificar manifestações da sexualidade. Para uma constatação mais realista e efetiva da visão dos educadores e funcionários do C.E.I pesquisado, optou-se por uma pesquisa qualitativa, realizada através de entrevistas com estes profissionais.

A fundamentação teórica ancora-se nos estudos de Piaget - para quem o desenvolvimento cognitivo é um processo de sucessivas mudanças qualitativas e quantitativas das estruturas cognitivas derivando cada estrutura de estruturas precedentes e o desenvolvimento cognitivo é dividido em estágios caracterizados por formas diferentes de organização mental que possibilitam diferentes maneiras do indivíduo relacionar-se com a realidade que o rodeia – e de Freud que descreveu o desenvolvimento da sexualidade humana, suas diferentes formas de expressão e sua evolução de acordo com etapas de desenvolvimento que ele denominou de fase *oral, anal, fálica, de latência e genital*.

Esta pesquisa tentou promover uma reflexão sobre a sexualidade infantil e suas especificidades e sobre a possibilidade de uma educação sexual, senão emancipatória, pelo menos diferenciada que questione e critique o atual modelo de educação sexual reprodutor, buscando uma prática mais igualitária.

Justificativa

A idéia de investigar a sexualidade infantil, o que pensam e como lidam com tal questão educadores e funcionários, surgiu através de uma experiência vivenciada por mim, na direção de um Centro de Educação Infantil de Jaguariúna. Ocupando a função de Vice-Diretora no ano de 2005 e de Diretora no ano de 2006, tive a oportunidade de acompanhar manifestações sexuais dos pré-escolares e a grande dificuldade dos profissionais em lidar com tais questões.

Pensou-se e optou-se pelo aprofundamento neste assunto, pela possibilidade de contribuir com minha formação enquanto Diretora de Escola infantil da rede pública e concluinte do curso de pedagogia da Universidade, propiciando-me a oportunidade de compreender um pouco mais a sexualidade humana, bem como, contribuir com os demais profissionais da área de educação frente aos comportamentos sexuais infantis e favorecer dentro desse contexto, o discernimento para saber o que é natural no desenvolvimento da criança, pois é a partir daí que poderemos trabalhar para o crescimento saudável das mesmas.

Esta pesquisa possui também, uma relevância para a formação do pedagogo na universidade, podendo trazer a esses estudantes, uma significativa compreensão do desenvolvimento psicosssexual humano, ou seja, como ocorre o desenvolvimento da sexualidade infantil, quais as manifestações sexuais mais freqüentes em crianças pré-escolares e como lidar com estes comportamentos.

O primeiro passo para lidar com a sexualidade das crianças é compreendê-la, e isso será tão mais possível, através da elucidação de como ocorre o desenvolvimento sexual humano. Para tal, busquei neste trabalho trazer alguns conceitos relevantes acerca da sexualidade na infância, além de tentar revelar a visão, quais as dúvidas mais freqüentes daqueles que lidam diretamente com as crianças no C.E.I pesquisado, o que lhes causa maior inquietação e quais os mecanismos e recursos utilizados por eles para enfrentarem de forma "natural" tais questões.

Pretendi ainda, com este estudo, motivar a comunidade acadêmica a realizar novas pesquisas e conseqüentemente novas discussões sobre o desenvolvimento sexual da criança, o que acredito ser o caminho para alcançarmos o bem estar sexual desta, bem como, das futuras gerações.

Introdução

Em um tempo não muito distante, a sexualidade era tratada como um assunto proibido e constrangedor. Dessa forma, muitos de nós quando crianças tivemos uma educação sexual confusa e reprimida. Recebemos poucas informações e, assim, desenvolvemos pouca intimidade com esta questão, o que, em alguns casos, comprometeu até mesmo o conhecimento do nosso próprio corpo. Porém, atualmente o quadro é um pouco diferente: a sexualidade é abordada de forma ampla pela sociedade; muitas vezes, banalizada pelos meios de comunicação, mas verdadeiramente reconhecida no desenvolvimento da criança desde muito cedo.

Assim, a realidade agora é: a repressão acabou; no entanto, os medos e angústias permaneceram. Frequentemente temos dúvidas sobre o que responder e até onde responder às perguntas das crianças. Queremos que sejam mais bem preparados do que fomos, e que vivam sua sexualidade de forma mais consciente, mas não sabemos como fazê-lo. Como tratar de um assunto que até bem pouco tempo sempre foi um tabu? Será que saberemos lidar com estas questões de maneira adequada? Bem, as respostas para essas questões são difíceis de serem encontradas, mas uma coisa é certa, é importante primeiro, que nos remetamos às nossas próprias dúvidas, desta forma fica mais fácil lidar com a curiosidade das crianças.

Não é fácil para os adultos que não foram educados de maneira "natural" com relação à sexualidade em sua infância, orientar os pequenos, mas o importante é tentar melhorar a educação que podem oferecer a eles. É bom saber que, assumindo ou não a tarefa de orientá-los, conversando ou não, estaremos dando educação sexual. Dependendo de nossa atitude, as crianças aprendem se sexo é bonito ou feio, certo ou errado, conversável ou não.

"As crianças são seres plenamente sexuais, para quem a sexualidade e as experiências sexuais não são necessariamente, menos significativas que para os adultos".(CONSTANTINE & MARTINSON, 1984, V).

É aproximadamente entre os 3 e os 6 anos que começamos a perceber de uma forma mais clara a sexualidade infantil, o que não significa que antes disso a sexualidade não existe, pois ela é inerente ao desenvolvimento humano . Isso ocorre, porque nessa fase a criança é extremamente curiosa e possui espontaneidade para as descobertas. Do mesmo modo que aprende a andar, a falar e a fazer uma série de descobertas a respeito do ambiente que a cerca, ela também aprende sobre seu corpo, sobre as sensações de carinho, prazer e ou desprazer que marcarão profundamente sua vida, uma vez que as experiências vividas nessa fase iniciarão a construção de sua auto-imagem e fortalecerão (ou não) sua auto-estima, contribuindo para a construção futura dos papéis masculino e feminino.

Dentro desse contexto, é necessário ter o discernimento para saber o que é natural no desenvolvimento da criança, pois é a partir daí que poderemos trabalhar para o crescimento saudável das mesmas com menos inadequações no manejo destes comportamentos.

ROSSONI (1995) coloca que na medida em que a criança se sente respeitada como ser "sexuado", adquire comportamentos mais adequados na presença de outras pessoas e passa a construir sua intimidade.

1. Objetivos

Pretendeu-se com este trabalho, investigar, descrever e analisar as manifestações sexuais de crianças de 2 a 6 anos de um Centro de Educação Infantil do Município de Jaguariúna e, como os profissionais da educação lidam com estas questões. Quais as dúvidas mais frequentes, os receios, as crenças... e atitudes tomadas, frente à sexualidade dos pré-escolares.

2. Metodologia

Inicialmente, uma busca por embasamento teórico acerca da sexualidade infantil e suas especificidades se fez necessário para que uma compreensão mais acentuada do desenvolvimento do comportamento sexual da criança fosse possível.

A pesquisa foi realizada em um Centro de Educação Infantil (C.E.I) fundado em 1986 que atende crianças de 4 meses a 4 anos em período integral e de 5 e 6 anos em meio período. Está localizado na periferia do Município de Jaguariúna, em um bairro de casas populares, numa região com estabelecimentos comerciais, Centro esportivo, igreja, posto de saúde, associação de bairro e muitas empresas.

Das instalações físicas podemos apresentar: 1 diretoria, 1 refeitório, 1 enfermaria, 1 lavanderia, 1 sala de funcionários, 1 banheiro feminino e 1 masculino de adultos, 1 banheiro feminino e 1 masculino de crianças, 1 cozinha, 1 lactário, 1 sala de trocas, 6 salas de aula, 2 salas de berçário, parque infantil e pátio coberto. Quanto aos funcionários, a escola conta com: 1 Diretora, 1 Coordenadora Pedagógica, 1 Escrivão, 6 agentes educacionais, 6 pajens, 1 monitora, 3 cozinheiras e 4 serventes.

O C.E.I atende 130 alunos distribuídos em 10 turmas e seu horário de funcionamento organiza-se da seguinte forma:

- **Integral** - 6:30 às 17:30 h para as turmas de Berçário I, Berçário II, Mini-Grupo A, Mini Grupo B, Maternal A e Maternal B;
- **Meio - período** - 6:30 às 12:30 h para as turmas de Pré-escola A e Pré-escola B (no período contrário vão para a E.M.E.I);
- **Meio - período** - 12:30 às 17:30 h para as turmas de Infantil A e Infantil B (no período contrário vão para a E.M.E.I);

Durante o período de Agosto a Outubro de 2006, foram realizadas observações semanais, a fim de acompanhar o comportamento das crianças e identificar manifestações da sexualidade, seja por meio de fala, desenho, expressão corporal, entre outros.

Para uma constatação mais realista e efetiva da visão dos educadores e funcionários do C.E.I pesquisado, optou-se por uma pesquisa qualitativa, realizada através de entrevistas com estes profissionais. A escolha pelas entrevistas ocorreu, uma vez que, permitem uma maior proximidade e interação entre pesquisador e pesquisados.

Após a escolha da metodologia a ser utilizada foi realizadas a seleção dos profissionais que seriam entrevistados, e esta ocorreu naturalmente, isto é, após uma breve explanação do projeto de pesquisa às pessoas diretamente envolvidas com as crianças, algumas funcionárias e educadoras se prontificaram a contribuir com o trabalho através da entrevista.

Foram então realizadas 11 entrevistas. A realização destas ocorreu com o apoio de um roteiro de questões previamente estruturado, de gravação direta das falas e posterior transcrição das mesmas, além de anotações acerca das reações dos entrevistados e informações complementares. A primeira parte do roteiro consistia dos dados biográficos do entrevistado e de sua visão sobre a escola e seu papel de educador. A segunda parte, continha questões sobre a sexualidade infantil, comportamentos sexuais das crianças e suas atitudes frente a esses comportamentos.

Os sujeitos entrevistados são mulheres e quanto a idade, podem ser divididos em três faixas etárias:

- 20 a 30 anos - 03
- 30 a 40 anos - 04
- 40 a 50 anos - 04

Com relação à função que ocupam no C.E.I: 07 são educadoras cuja formação de 05 delas é de magistério e das 02 restantes é 2º grau completo. 04 são serventes, estão entre as pesquisadas por serem responsáveis pelo banho das crianças, e o grau de escolaridade de uma delas é 2º grau completo e das demais 1º grau incompleto.

O número de alunos sob a responsabilidade das educadoras variou e também podem ser divididos:

- 02 educadoras - 15 alunos
- 04 educadoras - 13 alunos
- 01 educadora - 05 alunos

Antes de iniciar as entrevistas as funcionárias demonstraram-se bastante inseguras, mas no decorrer da mesma foram ficando mais à-vontade. Responderam com tranquilidade as primeiras questões sobre a formação, função e tempo de trabalho, mas ficaram, sem exceção, muito tímidas para descrever os comportamentos das crianças, que elas presenciaram, que expressavam sexualidade. Duas delas tiveram acesso de riso, o que demonstrou um certo nervosismo, três apresentaram vermelhidão facial, uma gaguejou bastante ao dar as respostas, quatro ficaram esfregando as mãos durante boa parte da entrevista e apenas uma, apesar de ter verbalizado que estava nervosa, não apresentou comportamento que me despertasse a atenção.

Nas duas últimas questões percebi que todas elas estavam menos ansiosas e conseguiram falar mais tranquilamente a respeito da sexualidade das crianças.

CAPITULO I

3 – Infância e Sexualidade

3.1 – A História Social da Infância

O estudo de Philippe Ariès trouxe-nos muitas contribuições onde podemos destacar dois fios condutores: o primeiro é a constatação de que havia a ausência do sentido de “infância”, tal como um estágio específico do desenvolvimento do ser humano, até o fim da Idade Média. O segundo é que este mesmo processo de definição da infância como um período distinto da vida adulta também abre as portas para uma análise do novo lugar assumido pela criança e pela família nas sociedades modernas. Sua obra foi precursora, portanto, de um novo campo que ficou conhecido como “história da infância” e gerou diversos trabalhos subseqüentes.

Na antiga sociedade a infância restringia-se ao período de fragilidade da criança, e tão logo adquiria alguma desenvoltura, a criança, já era misturada aos adultos para compartilhar de seus trabalhos e jogos. E era por meio deste trabalho que a educação era garantida, ou seja, a convivência com os adultos e a ajuda nos afazeres proporcionava a educação da criança. A família antiga tinha como função a conservação dos bens, a prática de um ofício, a ajuda mútua e a proteção da honra e da vida. Não existia neste tipo de organização familiar a função afetiva, o sentimento não era necessário à existência, mas ele poderia existir. Nesta época as trocas afetivas e a comunicação aconteciam fora da família, entre os vizinhos, amigos criados...

Já na sociedade industrial a escola substitui a aprendizagem com os adultos e passou a ser a nova forma de educação. Com a importância atribuída à educação a família transformou-se em um local de afeição necessária aos cônjuges e aos pais e filhos, isto porque, os pais passaram a interessar-se e a acompanhar os estudos do filho. A família passou a se organizar em torno da

criança, sendo necessário com isso, a limitação do número de filhos para melhor cuidar deles.

No século XVII passou-se de um infanticídio secretamente admitido a um respeito atribuído à vida da criança. No fim do século XVII e início do próximo, ocorreu o recolhimento da família para uma casa melhor preparada para a intimidade, o espaço privado, surgindo com isso, um sentimento novo entre os membros da família (particularmente entre a mãe e a criança), o sentimento de família, com a criança ocupando o lugar central nesta instituição.

A constituição desse novo conceito de infância está na transição dos séculos XVII para o XVIII, quando ela passa ser definida como um período de ingenuidade e fragilidade do ser humano, que deve receber todos os incentivos possíveis para sua felicidade. O início do processo de mudança, por sua vez, nos fins da Idade Média, tem como marca o ato de mimar e paparicar as crianças, vistas como meio de entretenimento dos adultos (especialmente da elite), hábito criticado por Montaigne (1533-1592) e outros escritores da época. Neste período já se observava um começo de separação entre o mundo do adulto e o da criança, separação esta que tomou corpo até o final do século XIX e permanece ainda hoje nas sociedades ocidentais.

A infância, em sua singularidade, acontece independentemente do reconhecimento que se possa ter de suas dimensões. É a parte da vida em que se dão as primeiras descobertas do mundo e das relações que, a partir do ambiente e do sujeito, possam acontecer.
(Nunes, 2000, p. 10)

A infância é o período em que se adquire subjetiva e socioculturalmente a identidade humana, nas relações estabelecidas com o mundo, com o outro e na auto-descoberta. Destas relações dependem todas as outras que estabelecemos no futuro, enquanto jovens, adultos e idosos.

A infância é o período das descobertas, das experimentações, da conquista de novos saberes. E por isso a criança constitui-se como um indivíduo em constante desenvolvimento, que vai evoluindo segundo suas experiências e aquisição de novos conhecimentos.

3.2 - O desenvolvimento humano sob a perspectiva de Piaget

De acordo com Piaget, o desenvolvimento cognitivo é um processo de sucessivas mudanças qualitativas e quantitativas das estruturas cognitivas derivando cada estrutura de estruturas precedentes. Ou seja, o indivíduo constrói e reconstrói continuamente as estruturas que o tornam cada vez mais apto ao equilíbrio.

Essas construções seguem um padrão denominado por Piaget de *Estágios* que seguem idades mais ou menos determinadas, que são caracterizados "por aquilo que o indivíduo consegue fazer melhor" no decorrer das diversas faixas etárias ao longo do seu processo de desenvolvimento.

Portanto, cabe dizer que cada um desses estágios é caracterizado por formas diferentes de organização mental que possibilitam as diferentes maneiras do indivíduo relacionar-se com a realidade que o rodeia. De uma forma geral, todos os indivíduos vivenciam essas 4 fases na mesma seqüência, porém o início e o término de cada uma delas pode sofrer variações em função das características da estrutura biológica de cada indivíduo e da riqueza (ou não) dos estímulos proporcionados pelo meio ambiente em que ele estiver inserido.

Abordaremos, a seguir, sem entrar em uma descrição detalhada, as principais características de cada um desses períodos.

Período Sensório-motor (0 a 2 anos): De acordo com a tese piagetiana, "a criança nasce em um universo para ela caótico, habitado por objetos evanescentes (que desapareceriam uma vez fora do campo da percepção), com tempo e espaço subjetivamente sentidos, e causalidade reduzida ao poder das

ações, em uma forma de onipotência" .No recém nascido, portanto, as funções mentais limitam-se ao exercício dos aparelhos reflexos inatos. Assim sendo, o universo que circunda a criança é conquistado mediante a percepção e os movimentos (como a sucção, o movimento dos olhos, por exemplo).

Progressivamente, a criança vai aperfeiçoando tais movimentos reflexos e adquirindo habilidades e chega ao final do período sensório-motor já se concebendo dentro de um cosmo "com objetos, tempo, espaço, causalidade objetivados e solidários, entre os quais situa a si mesma como um objeto específico, agente e paciente dos eventos que nele ocorrem" (id ibid).

Período pré-operatório (2 a 7 anos): para Piaget, o que marca a passagem do período sensório-motor para o pré-operatório é o aparecimento da função simbólica ou semiótica, ou seja, é a emergência da **linguagem**. Na linha piagetiana, desse modo, a linguagem é considerada como uma condição necessária, mas não suficiente ao desenvolvimento, pois existe um trabalho de reorganização da ação cognitiva que não é dado pela linguagem, ou seja, o desenvolvimento da linguagem depende do desenvolvimento da inteligência.

Contudo, embora o alcance do pensamento apresente transformações importantes, ele caracteriza-se, ainda, pelo egocentrismo, uma vez que a criança não concebe uma realidade da qual não faça parte, devido à ausência de esquemas conceituais e da lógica. Assim, neste estágio, embora a criança apresente a capacidade de atuar de forma lógica e coerente (em função da aquisição de esquemas sensoriais-motores na fase anterior) ela apresentará, paradoxalmente, um entendimento da realidade desequilibrado (em função da ausência de esquemas conceituais).

Período das operações concretas (7 a 11, 12 anos): neste período o egocentrismo intelectual e social que caracteriza a fase anterior dá lugar à emergência da capacidade da criança de estabelecer relações e coordenar pontos de vista diferentes (próprios e de outrem) e de integrá-los de modo lógico e

coerente. Um outro aspecto importante neste estágio refere-se ao aparecimento da capacidade da criança de interiorizar as ações, ou seja, ela começa a realizar operações mentalmente e não mais apenas através de ações físicas típicas da inteligência sensório-motor.

Contudo, embora a criança consiga raciocinar de forma coerente, tanto os esquemas conceituais como as ações executadas mentalmente se referem, nesta fase, a objetos ou situações passíveis de serem manipuladas ou imaginadas de forma concreta. Além disso, se no período pré-operatório a criança ainda não havia adquirido a capacidade de reversibilidade, a capacidade de pensar simultaneamente o estado inicial e o estado final de alguma transformação efetuada sobre os objetos, tal reversibilidade será construída ao longo dos estágios operatório concreto e formal.

Período das operações formais (12 anos em diante): nesta fase a criança, ampliando as capacidades conquistadas na fase anterior, já consegue raciocinar sobre hipóteses na medida em que ela é capaz de formar esquemas conceituais abstratos e através deles executar operações mentais dentro de princípios da lógica formal. Com isso, a criança adquire "capacidade de criticar os sistemas sociais e propor novos códigos de conduta, discute valores morais de seus pais, ou do grupo a qual pertence e constrói os seus próprios.

De acordo com a tese piagetiana, ao atingir esta fase, o indivíduo adquire a sua forma final de equilíbrio, ou seja, ele consegue alcançar o padrão intelectual que persistirá durante a idade adulta. Isso não quer dizer que ocorra uma estagnação das funções cognitivas, a partir do ápice adquirido na adolescência, esta será a forma predominante de raciocínio utilizada pelo adulto. Seu desenvolvimento posterior consistirá numa ampliação de conhecimentos tanto em extensão como em profundidade, mas não na aquisição de novos modos de funcionamento mental".

3.3 - Conhecendo um pouco sobre o desenvolvimento da sexualidade infantil

A sexualidade é uma coisa natural nos seres humanos, é uma função como tantas outras. Frequentemente estimulamos a evolução das crianças em vários aspectos (comer sozinhos, andar, ler...), mas com a sexualidade somos cuidadosos e até mesmo preconceituosos. Devemos ter em mente que a criança não é assexuada, portanto, merece ter sua sexualidade respeitada.

De acordo com Constantine e Martinson (1984) é na sexualidade infantil que encontramos o material para a formação da sexualidade do adulto. Nossa identidade sexual como homens ou mulheres, o que nos inibe, o que nos excita, nossa sensação de segurança e conforto como seres sexuais, nossos medos e preocupações sexuais, entre outras questões, são determinados e estabelecidos primeiramente, na infância.

Quando se pensa em educação sexual na infância, automaticamente tem que se pensar, também, em desenvolvimento emocional, isto é, tem que se levar em conta o nível de maturidade e as necessidades emocionais da criança. A sexualidade passa por fases distintas até chegar na sexualidade adulta, a criança vivencia diversas experiências, sensações, descobertas até se tornar um adulto.

O desenvolvimento da sexualidade humana começa com o toque, quando o bebê é segurado e acariciado. Ele precisa se sentir aconchegado, pois assim sentirá segurança e terá mais chance de amadurecer a capacidade de ter intimidade física e gozo. O desenvolvimento afetivo-sexual da pessoa será resultado da combinação do componente biológico (temperamento inato) com o ambiente (dos quais os pais são parte fundamental). Podemos dizer, então, que o desenvolvimento do bebê depende da relação entre a capacidade psíquica da mãe de dar amor e continência ao bebê e da capacidade psíquica dele mesmo, de tolerância à frustração.

Por volta dos dois anos a mãe é a pessoa mais importante para o filho e a criança tem dificuldade em se enturmar. Tem tendência a ser inflexível, dá ordens, faz birras sempre tentando impor suas vontades. É também a idade do não, em que a criança opõe-se ao que existe tentando desta forma, se descobrir.

Na fase dos três aos quatro anos, a criança é muito ativa, corre e pula, identifica formas, tamanhos e diferenças, inclusive as diferenças entre homem e mulher. Para obter o sentido da identidade sexual, isto é, se é homem ou mulher, ela já passou pelo processo de descoberta e identificação com o genitor do mesmo sexo. As questões a esse respeito costumam aparecer antes mesmo dos três anos de idade. À medida que o corpo se desenvolve, a sexualidade infantil também amadurece. Nessa idade, além de saber se é homem ou mulher, a criança já estabelece limites entre o "eu" e o "outro", ela também entra no período de maior desenvolvimento da linguagem e passa a ouvir e compreender o que lhe é dito diretamente, a criança de 3 anos fala muito sozinha e dá forma a sua imaginação.

Os amigos passam a ter importância na vida da criança durante os quatro e cinco anos, mas isso não faz com que ela deixe de ser autoritária, é comum nessa fase as brigas e até mesmo o xingamento. Já adquiriu um vocabulário rico e é extremamente curiosa, fase em que começam as perguntas sobre o corpo, sobre o nascimento e origem. Inicialmente, as dúvidas das crianças dizem respeito às diferenças anatômicas entre os sexos e ao nascimento propriamente dito, elas fazem suas próprias teorias sexuais, hipóteses acerca de como os bebês vão parar nas barrigas de suas mães, posteriormente, passam a questionar estas teorias e surgem então as dúvidas a respeito de como são produzidos, enfim, os bebês. A criança, nesta idade, presta muita atenção à linguagem corporal, a reação dos adultos, os olhares, tudo entra na compreensão infantil, então, é muito importante nossa atitude ao responder às perguntas: o tom de voz, a segurança nas informações, o fato de estarmos ou não à vontade, tudo isto é captado pela criança também sob a forma de informação.

Se a criança chegar aos cinco e seis anos e ainda não tiver perguntado nada sobre sexo, significa que, ela sabe que não pode falar sobre esse assunto. Se a criança ainda não conseguiu perguntar espontaneamente é porque sente que o assunto é algo proibido, portanto, cabe aos adultos tentar conversar sobre sexo sem demonstrar constrangimento procurando sanar as curiosidades das crianças.

Durante a infância ocorre o desenvolvimento de jogos corporais através do qual as crianças vão se descobrindo e amadurecendo, exploram o ambiente, praticam papéis que futuramente terão e trabalham suas ansiedades e conflitos, são os chamados jogos sexuais. Jogos sexuais são comuns na infância, é brincando que a criança descobre formas de se relacionar com o mundo e com sua identidade individual e também sexual. Em geral as brincadeiras são feitas em grupinhos mistos (entre irmãos, primos, vizinhos e colegas de escola) e são uma forma de satisfazer a curiosidade sexual. Eles são uma tentativa de afirmar a identidade e um teste de realidade. É através da dramatização que a criança vivencia a realidade, compreende papéis (mãe, pai, filho, homem, mulher, etc.) e experimenta os sexos indiferentemente.

3.4 - Desenvolvimento Psicosexual segundo Freud

Já faz quase um século que Freud descreveu a sexualidade infantil, surpreendendo a sociedade daquela época. As descobertas de Freud sobre a sexualidade infantil provocaram grande espanto na sociedade conservadora do final do século XIX, visto que até esta época a criança era vista como um símbolo de pureza, um ser assexuado.

Ao longo dos tempos, a sociedade vem, pouco a pouco, se familiarizando e compreendendo as diferentes formas de expressão da sexualidade infantil. Sexualidade esta que evolui, segundo Freud, de acordo com etapas de desenvolvimento que ele denominou de fase *oral*, *anal*, *fálica*, *latência* e *genital*.

Embora as características de cada uma destas fases estejam amplamente difundidas nos meios de comunicação, de tal forma que os adultos possam reconhecer as manifestações desta sexualidade nas crianças, persiste ainda muitos equívocos na forma como eles lidam com esta questão. É comum encontrarmos pessoas que se espantam ao se defrontarem com crianças se masturbando, ou que explicam com meias verdades as clássicas perguntas infantis sobre a origem dos bebês.

A sexualidade é reconhecida como um instinto com o qual as pessoas nascem e que se expressa de formas distintas de acordo com as etapas do desenvolvimento descritas por Freud, são elas:

Fase Oral: Período: de 0 a 1 ano aproximadamente.

Nesta fase a região do corpo que proporciona maior prazer à criança é a boca. É pela boca que a criança entra em contato com o mundo, é por esta razão que a criança pequena tende a levar tudo o que pega à boca. O principal objeto de desejo nesta fase é o seio da mãe, que além de alimentar proporciona satisfação ao bebê, enquanto é alimentada, a criança é também confortada e acariciada, e associa inicialmente, prazer e redução da tensão ao processo de alimentação.

A boca é o primeiro objeto que o bebê pode controlar, a maior parte da energia libidinal disponível é concentrada nesta área. Conforme a criança cresce, outras áreas do corpo desenvolvem-se e tornam-se importantes regiões de prazer.

Fase Anal: Período: 2 a 4 anos aproximadamente

Neste período a criança passa a adquirir o controle dos esfíncteres, a zona de maior satisfação é a região do anus. A criança descobre que pode controlar as fezes que sai de seu interior, nessa idade a criança gosta de brincar com suas fezes, e tem prazer em defecar. Ela também gosta de apreciar o que fez, de mostrar aos amiguinhos e aos pais: sente orgulho de sua produção e oferece-o à mãe, ora como um presente, ora como algo agressivo. Ambivalência (impulsos

contraditórios). É também, nesta etapa, que a criança começa a ter noção de higiene.

Fase Fálica: Período: de 4 a 6 anos aproximadamente.

Nesta etapa do desenvolvimento a atenção da criança volta-se para a região genital. Freud afirmava que essa fase é melhor caracterizada por *fálica* por ser o período em que a criança se dá conta de seu pênis ou da falta dele. Inicialmente a criança imagina que tanto os meninos quanto as meninas possuem um pênis. Ao serem defrontadas com as diferenças anatômicas entre os sexos, as crianças criam as chamadas "teorias sexuais infantis", imaginando que as meninas não tem pênis porque este órgão lhe foi arrancado (complexo de castração). É neste momento que a menina tem medo de perder o seu pênis, o desejo de ter um pênis e a aparente descoberta de que lhe falta algo, constituem um momento crítico no desenvolvimento feminino. Segundo Freud, há três linhas de desenvolvimento possíveis: a primeira conduz a inibição sexual ou à neurose, a outra à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade e a terceira, à feminilidade normal.

Freud tentou compreender as tensões que uma criança vivencia quando sente excitação sexual a partir da estimulação de áreas genitais. Esta excitação está ligada, na mente da criança, à presença física de seus pais. A criança luta pela intimidade que seus pais compartilham entre si, é neste momento que aparece o desejo de ir para a cama dos pais . Neste período surge também o complexo de Édipo, no qual, os pais representam a ameaça potencial à satisfação de suas necessidades, o menino passa a apresentar uma atração pela mãe e se rivalizar com o pai, e na menina ocorre o inverso.

Fase de Latência: Período: de 6 a 11 anos aproximadamente.

Este período tem por característica principal um deslocamento da libido da sexualidade para atividades socialmente aceitas, ou seja, a maioria das crianças

parece modificar seu apego aos pais em algum ponto depois dos seis anos e passam a gastar sua energia em atividades sociais e escolares.

Durante essa fase a sexualidade normalmente não avança, os anseios sexuais diminuem de vigor e são abandonados. Surgem sentimentos de vergonha, repulsa e moralidade, sobre os quais os desejos sexuais, mais tarde durante a puberdade, vão se alicerçar.

Fase Genital: Período: a partir de 11 anos.

A fase final do desenvolvimento biológico e psicológico do indivíduo tem início na adolescência, e este período tem como característica a retomada dos impulsos sexuais e o conseqüente retorno da energia libidinal aos órgãos sexuais. Neste momento os adolescentes estão conscientes de suas identidades sexuais distintas e passam a buscar em pessoas fora de seu grupo familiar, formas de satisfazer suas necessidades eróticas e interpessoais. A adolescência é um período de mudanças no qual o jovem tem que elaborar a perda da identidade infantil e dos pais da infância para que pouco a pouco possa assumir uma identidade adulta.

Todas as etapas descritas anteriormente, trazem características sexuais e afetivas próprias, que determinam comportamentos e expressões de acordo com o nível de desenvolvimento psicosssexual que a criança se encontra.

Estas considerações de Freud deixam bem claro a importância de se adotar uma atitude deliberada, politicamente coerente, diante da sexualidade infantil no sentido de formar adultos conscientes de si, para chegarem à consciência do mundo. (Nunes, 2000, p.50)

Nunes, 2000 afirma ainda que respeitar a sexualidade infantil significa respeitar a criança como um ser humano completo em capacidade de amar. Destaca que reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo que se constitui na base real de seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade, pois não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta, mas sim uma ligação única e uma continuidade entre elas.

CAPITULO II

4 - Escola e sexualidade

4.1 – Educação Sexual Escolar

Os modelos de escolas brasileira, pública e privada, sempre excluíram de seus currículos o tema sexualidade. Somos herdeiros de um passado em que o sexo era tratado como algo velado, proibido. E muitos educadores ainda hoje não conseguem se libertar, não se sentem seguros e preparados para falar de sexo na escola.

Muitas das nossas atitudes e maneira de pensar sobre sexo e sexualidade podem ser explicadas através dos séculos e pelos vários discursos que permeavam a sociedade em relação ao sexo e como este deveria ser abordado.

FOCAULT (1999) escreveu que foi a partir do século XVIII que houve uma proliferação de discursos sobre sexo. E que foi o próprio poder que instigou tais discursos através da Igreja, da escola, da família e do consultório médico. Mas o que tais instituições pretendiam era o domínio e o controle sobre a população.

As primeiras abordagens de um educação sexual na escola ocorreu em 1960, onde educadores e pais propuseram uma educação sexual normativa e parenética, isto é, identificavam-se com os aconselhamentos religiosos e era originária do núcleo conservador da sociedade brasileira. Os manuais traziam discursos sobre o casamento e a família patriarcal e utilizavam a linguagem médica para amedrontar as pessoas afirmando que a devassidão sexual traria conseqüências patológicas.

Em 1970 surge um novo modelo de educação sexual decorrente do modelo anterior. É o modelo médico-biologista, que descreve o corpo humano, seu

aparelho reprodutor e suas funções sexuais reprodutivas. Tem caráter informativo com variantes para uma abordagem higienista e médico-profilática. Este modelo ainda vigora nos dias atuais.

Há um terceiro modelo de educação sexual identificado como terapêutico-descompressivo. 1980, foi o período de maior representação desse modelo influenciado pela modernização conservadora da sociedade brasileira. O discurso de liberdade feminina toma corpo, agregados a ele também estavam as defesas dos direitos homossexuais, crítica ao casamento tradicional e à violência contra a mulher. A educação sexual como terapia para amenizar práticas consideradas contraditórias.

Um quarto modelo, definido como consumista-quantitativo, é caracterizado como um modelo dominante na sociedade de massas que reduziu a revolução sexual de fundamentos filosóficos e políticos e a transformou em prática sexual quantitativa e desumanizada, ou seja, a sexualidade como objeto de consumo através dos filmes pornôis, na sensualidade estereotipada e na venda do corpo. Este modelo não se encontra na escola, mas sim na sociedade, em suas propagandas televisivas, nas revistas, enfim, na construção da identidade social de homem e mulher.

Nunes (2000) destaca que a contraposição a esses modelos seria uma educação sexual emancipatória, ou seja, uma intervenção significativa na escola com o objetivo de formar para a compreensão plena, integral, histórica, ética, estética e psicossocialmente significativa e consciente das potencialidades sexuais humanas e sua vivência subjetiva e socialmente responsável e realizadora.

Uma educação sexual emancipatória busca primeiramente identificar os estereótipos sexuais e posteriormente questionar seus fundamentos. Procura educar para uma compreensão significativa e igualitária da identidade de gênero,

representando homens e mulheres como formas iguais em suas potencialidades humanas e diferentes em suas expressões culturais e subjetivas.

A escola não pode ser conivente com esta sexualidade reprimida e consumista que vem se estendendo ao longo da história. Ela deverá exercer seu papel visando promover a superação desta realidade, investindo na construção de um novo conceito de sexualidade, sem medo, sem vergonha, sem preconceito e como algo prazeroso que faz parte da formação de todos os indivíduos e perpetua pela vida toda.

Nessa perspectiva é importante que esteja acontecendo no espaço escolar uma educação sexual emancipatória, dando condições de compreender a dinamicidade, a complexidade e a riqueza única da sexualidade infantil. A educação sexual precisa estar acontecendo como um processo espontâneo e normal na vida das crianças e não isolada da sua realidade, sendo importante a superação de conceitos estereotipados e repressores que vem formando a estrutura da sexualidade humana.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, com o objetivo de formar integralmente o indivíduo estabelece a orientação sexual como um de seus temas transversais. A abordagem do tema como transversal não contempla a exigência de assumirmos esse trabalho com toda a complexidade que ele exige para a sua compreensão na vida social e humana, mas sem dúvida a atenção curricular dada a sexualidade é um avanço importante para que possamos caminha na direção da educação sexual desejada, isto é, para alcançarmos um dia a educação sexual emancipatória, preparando adequadamente os educadores para assumirem a sexualidade humana na escola, pois este trabalho só será bem sucedido se tiver embasamento teórico científico. Sem uma base de conhecimento, o trabalho torna-se vazio e sem fundamentação, podendo até mesmo desviar-se do proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

4.2 - Comportamento sexual da criança pré-escolar

A escola vem assumindo, cada vez mais, a educação das novas gerações. Há diversas razões para isso: a universalidade do ensino; a democratização do acesso à escola; a necessidade de socialização das crianças e a promoção do seu processo formativo enquanto cidadãos; a demanda por uma educação continuada, que prepare crianças e jovens para as mudanças culturais e para a sociedade informatizada.

Educar tem um sentido amplo, implicando comprometimento não somente com a instrução, ou seja, com o mero repasse de informações, mas, sobretudo, com a formação integral do indivíduo. E a escola é uma das instituições culturais que vem se orientando para cumprir esta função.

Não há dúvida de que os primeiros educadores sexuais seriam os próprios pais, porque a eles compete a maior parcela de responsabilidade na formação dos filhos. Entretanto, como os pais, via de regra, têm dificuldades em falar sobre sexo com os filhos, foi deixado a cargo da escola a realização desta tarefa. O grande desafio é capacitar-se para desenvolver o trabalho, uma vez que a educação sexual não pode ser dissociada da educação como um todo. Portanto, faz-se necessária a preparação dos professores, tornando-os bem informados, prontos e conscientes da importância de sua atuação na área da sexualidade.

Entretanto, quem é o profissional que atua hoje nas escolas? Estará ele capacitado para cumprir esta tarefa? Como a escola pode melhor promover a orientação sexual de seus alunos?

Manifestações sexuais infantis são muitas vezes difíceis de serem trabalhadas, tanto em casa como na escola. Brincadeiras de descoberta sexual, masturbação, atitudes que aparentam homossexualidade são alguns fatos comuns observados no cotidiano infantil e seguidamente são mal compreendidos ou mal conduzidos pelos adultos que lidam com as crianças.

Guimarães (1995), ao analisar como a sexualidade é tratada na vida escolar, refere que apesar da sexualidade ser um assunto profundo na vida de todos, ela ainda é tratada como um assunto novo e estranho dentro das escolas. Mostra ainda, ao revelar os resultados de suas pesquisas, que a escola demonstra pudores ao falar de sexo.

O trabalho de Guimarães (id. op. cit.) demonstra que a sexualidade ainda é um problema para nós. Os educadores não lidam com segurança com estas questões, e no contexto da sociedade esta situação é ainda mais difícil. Salienta ainda, que este comportamento reflete a própria construção social da sexualidade.

"A educação sexual é um assunto polêmico e controvertido tanto quanto a postura da sociedade diante do sexo... O homem elaborou histórica e culturalmente um conjunto de posturas em torno do sexo que fez com que este transcendesse o próprio homem. Surgiram tantas exigências, regras, cerimônias, interdições e permissões que tornaram a atividade sexual um tabu." (p. 23)

Somos seres sexuados, portanto a sexualidade infantil é inerente a qualquer criança e sua demonstração será particular a cada uma. Diante deste quadro, cabe aos educadores conhecê-la, respeitá-la, conduzi-la de forma adequada, sem estimulação nem repressão e tendo sempre em mente uma auto-reflexão de sua própria sexualidade.

A respeito deste assunto, Nunes (2000) destaca que a melhor orientação sexual é tratar com naturalidade as expressões sexuais infantis, respondendo com tranquilidade as perguntas das crianças e contribuindo para a sua formação social, afetiva e intelectual. É importante dizer sempre a verdade, evitar exemplos de castigos ou doenças procurando resgatar um conceito positivo de sexualidade.

4.3 – Manifestações sexuais observadas

O corpo está sempre presente na escola. Não apenas o corpo que aprende conteúdos, atitudes e habilidades de todas as áreas de conhecimento, mas um corpo que interage com outros, que manifesta também a sexualidade. Um corpo que sente prazer e dor, expressa alegria e tristeza, que gosta e desgosta. Por isso, esse subtema da área da sexualidade não pode ser esquecido.

A sexualidade se manifesta no comportamento das crianças dentro e fora da escola, podendo ser físicas ou verbais. Uma das principais situações vivenciadas por educadores é a manipulação dos órgãos sexuais, a criança na descoberta do próprio corpo e na exploração de suas múltiplas possibilidades, explora também seu órgão genital. Embora essa manipulação dos órgãos sexuais proporciona à criança intenso prazer, não se trata de uma busca intencional, mas sim da descoberta de novas sensações corporais.

Outra manifestação sexual bem comum é a prática do beijo, embora sabemos que o beijo é culturalmente a expressão de carinho e não se refere exclusivamente ao aspecto sexual, no imaginário infantil, influenciado pelos meios de comunicação, o beijo é um ritual sexual.

A curiosidade em torno dos órgãos genitais dos colegas, leva as crianças a desejarem ver, apalpar, enfim, conhecer os órgãos sexuais de outras pessoas, meninos e meninas. Esta é também, uma manifestação da sexualidade infantil bem comum no cotidiano das escolas infantis.

A criança também pode expressar sua sexualidade por meio do desenho, isto é, a curiosidade em torno dos órgãos genitais pode levá-la a uma certa fixação em desenhá-los e nomeá-los.

Há também outras formas de expressão, tais quais: A exibição dos órgãos sexuais, uso de palavras e gestos obscenos, namoros, conversas sexuais em grupos, perguntas sobre sexualidade, entre outras.

As manifestações sexuais que puderam ser observadas por mim no CEI, tanto físicas como verbais, durante o período da pesquisa, foram as seguintes:

1. Criança de três anos, sexo feminino, abaixou a bermuda no refeitório, durante o horário do almoço, e pediu que seu colega, do sexo oposto e de mesma idade, fizesse o mesmo;
2. Criança de três anos, sexo masculino, durante o horário de sono deitou-se de bruço e começou a mexer o quadril, esfregando-se no colchão;
3. Criança de três anos, sexo feminino, saiu do banheiro sem roupa, foi para a classe e chamou as crianças para vê-la nua;
4. Criança de quatro anos, sexo masculino, no horário do banho, abraçou forte o colega, de mesmo sexo e idade, por trás. Ambos estavam sem roupa;
5. Criança de cinco anos, sexo masculino, entrou com o colega de mesmo sexo e idade no banheiro, pediu que o colega lambesse o seu pênis e fez o mesmo no colega;
6. Criança de seis anos, sexo masculino, tirou a roupa para tomar banho, começou a tocar o pênis até deixá-lo ereto;
7. Criança de seis anos, sexo masculino, durante atividade de recorte e colagem, mostrou ao colega de mesmo sexo e idade, todas as mulheres de lingerie que encontrou e disse: “– Olha! Mulher pelada.”;
8. Criança de seis anos, sexo masculino, perguntou à educadora da sala durante a aula, como que as mulheres fazem pra ficarem grávidas;
9. Criança de cinco anos, sexo masculino, abraçou um colega do mesmo sexo e idade e beijou-o na boca;

10. Criança de cinco anos, sexo masculino, durante o almoço no refeitório, colocou a mão por baixo da saia de uma menina de quatro anos que passou ao seu lado para ir ao bebedouro;
11. Criança de cinco anos, sexo masculino, contou na sala de aula que assistiu filme de homem e mulher pelada com sua tia, disse ainda: “– No filme a mulher lambeu o pipi do homem.”;

Também foram observados desenhos que expressavam a sexualidade infantil. Tais desenhos eram compostos de corpo de pessoa humana com seu órgão sexual ressaltado.

Diante de todas as situações presenciadas por mim e citadas anteriormente, a postura de educadores e funcionários foi na maioria das vezes, de repreensão ou omissão, ou seja, os profissionais quando não ficaram bravos com as crianças, sem saber como deveriam agir, levaram o problema para a direção do CEI para que a situação pudesse ser resolvida pela diretora ou coordenadora pedagógica.

Diante das situações de número 1, 3, 4, 7, 9 e 10 a postura tomada foi a repressiva, as educadoras repreenderam as crianças, falando com tom de voz alterado e ameaçando as crianças que falariam com a diretora e com os pais se repetissem tal ato. Já nas situações de número 6, 8 e 11, as funcionárias não tiveram reação, apenas interferiram tirando a criança do lugar para inibir as manifestações e em seguida pediram auxílio para a direção, dizendo que não sabiam como agir diante dos fatos. Nas situações 2 e 5, apenas ignoraram o fato, fingindo não estar acontecendo nada, já que, não souberam como agir no momento.

De acordo com Nunes (2000), o educador diante destas manifestações deve acompanhar essas expressões sem reprimi-las, buscando orientar as crianças e supervisioná-las de modo a não permitir que provoquem seqüelas físicas ou psíquicas. O educador deve orientar a criança de forma clara, segura e argumentada para que a intervenção feita auxilie no desenvolvimento de uma sexualidade saudável.

CAPITULO III

5 – Educadores e funcionários

5.1 - Dilemas de educadores e funcionários

“A comunidade escolar, como espaço de socialização dos indivíduos, confere a todos os seus integrantes, independente de sua inserção profissional, um papel de educador”. (DOMANICO E BRITES, 1996, in GALLACHO, 2000, p.49).

Sabemos que educadores e funcionários lidam com frequência com a sexualidade infantil na escola. As manifestações sexuais das crianças fazem parte do dia-a-dia desses profissionais. Mesmo diante deste quadro, estes profissionais não possuem informações suficientes sobre o tema e conseqüentemente tem dificuldades de lidar com estas situações problema que emergem no cotidiano escolar, sendo muitas vezes, intolerantes e preconceituosos.

Perceber que é mais fácil lidar com coisas sobre as quais detemos maior conhecimento pode ser um dos caminhos para diminuir dificuldades. Buscar a capacitação profissional, ampliar a compreensão sobre a sexualidade, aprofundar conceitos, revisar valores e instrumentalizar-se com técnicas de dinâmica de grupo auxiliam na formação profissional dos professores e demais funcionários da escola. Contribuem, de outro modo, para diminuir a transmissão de preconceitos aos alunos.

A capacitação de profissionais da educação por meio da informação pode, portanto, favorecer a superação de tabus e uma maior coerência para orientar e auxiliar as crianças no desenvolvimento de sua sexualidade.

Durante a inserção da criança nas instituições de educação infantil percebemos os comportamentos que se revelam ano a ano e a angústia de profissionais que muitas vezes não conseguem lidar com essa questão.

A postura do educador sexual dependerá portanto, do conhecimento que tem frente ao desenvolvimento infantil e, em especial da sexualidade infantil, dos significados pessoais e pedagógicos que confere a esses conhecimentos e sua intervenção pedagógica, da noção que possui sobre desenvolvimento integral da criança e, nesta visão, da importância conferida à sexualidade. Depende também da consciência que possui da limitação de sua formação e dos valores morais que trás consigo, resultantes de sua educação familiar, religiosa e social.

A postura dos profissionais deverá estar baseada na superação permanente de suas dificuldades (conhecimentos, preconceitos, medos, incertezas...) e na superação da intolerância e dos preconceitos de todas as ordens.

Nós, que estamos estudando nas áreas pertinentes a educação, que pensamos que esta se resume somente em práticas pedagógicas, didáticas, em disciplinas que dizem respeito às nossas especializações, perdemos uma qualidade básica: deixamos de ser generalistas. E, dentre tantas coisas, deixamos de procurar saber mais a respeito de algo tão inerente a nós: nossas sexualidades. Limitamos nosso conhecimento sobre sexualidade tomando por base a nossa própria experiência e deixamos de lado toda a diversidade que a própria sexualidade implica.

A construção cultural de nossa sociedade é baseada em valores judaico-cristãos. Desta maneira não é de se espantar que encontremos pessoas conferindo às crianças um ar assexuado e angelical. Para elas, crianças não sentem prazer.

Os educadores como formadores de opiniões e condutas, principalmente entre seus alunos, através de seu discurso e atitudes poderão contribuir de maneira construtiva ou repressiva na formação sexual do seu aluno.

CABRAL (1999) escreveu que poucos educadores recorrem a um estudo ou a pessoas mais esclarecidas sobre o assunto para orientar seus alunos de modo a percebê-lo como um ser inteiro, dotado de emoção, afeto, cultura, história e sexualidade.

Desta forma, os currículos de vários cursos precisam ser revistos, o estudo da sexualidade é intrínseco a todas as ciências humanas e biomédicas, se falássemos mais sobre as sexualidades em nossos cursos, até mesmo nos demais cursos (físicas, matemáticas, etc) seríamos pessoas mais voltadas a explorar as potencialidades do ser.

5.2 – Posturas de Pais e educadores

Diante das manifestações sexuais das crianças, educadores ou pais podem agir de diversas maneiras, de acordo com valores e concepções próprias.

Nunes (2000) afirma que educadores e pais possuem a mesma responsabilidade social de gerar, preparar, enquadrar e habilitar as novas gerações ao convívio e reprodução material e simbólica do grupo social a que pertencem.

Desta forma, precisam entrar em conformidade para que o saber sexual transmitido pela família e as informações pretendidas pela escola não sejam um contraponto.

Uma das atitudes possíveis é a atitude autoritária e repressiva, que caracteriza-se pela violência simbólica e dominação frente as manifestações sexuais. Esta atitude fundamenta-se no senso comum, na moral e na rigidez dos papéis sexuais tradicionais. Os pais desejam formar o homem dominante e macho, e preparar a mulher para exercer as funções domésticas.

A atitude omissa, ausente e permissiva, é também uma outra possibilidade e tem como característica principal, a compreensão equivocada da sexualidade infantil e o desconhecimento da influência que a ação do adulto exerce sobre a sexualidade da criança. Esta atitude consiste em ações fundamentadas pela negação da sexualidade infantil, e aceitam essas expressões desde que não tenham nenhuma intervenção e responsabilidade direta sobre estas, ou seja, omitem-se no silêncio, escondendo-se na complexidade do assunto e no despreparo para abordá-lo. Com isso, não desenvolvem linguagem nem situações didáticas para auxiliar as crianças em suas descobertas sexuais.

Uma terceira atitude possível é a diletante e exótica, onde para tentar caracteriza-la cabe primeiro esclarecer que diletante refere-se a uma curiosidade inconseqüente. Aqueles que possuem esta forma de agir, encaram a sexualidade das crianças como um mundo mágico e exótico, cheio de fantasias e características curiosas. Falam da sexualidade infantil utilizando metáforas comparativas e analogias retiradas da similaridade com os animais e de mundo fantasiosos como a mitologia e a irrealidade. E as crianças são vistas como manifestações de inocência pueril e infantilizada.

... “Comparadas aos mitos, descarnada, privada do real, a sexualidade destas crianças é concebida e enfocada na esfera da dessexualização. Construída sobre a conceituação do conflito entre normalidade e anormalidade a sexualidade infantil aqui compreendida não ultrapassa a esfera da curiosidade impessoal e exótica.” (Nunes, 2000: p.120, 121).

A atitude delegante e patrulhadora compreende uma articulação entre a escola e a família. Mas não é tão simples, a sintonia entre as expectativas da família para com a escola, quando se refere à sexualidade não acontece de forma tão clara. O que ocorre é que pais assumem a postura de guardiões da moral diante de tentativas de autonomia contra o modelo dominante, que a escola ou educadores, por ventura, possam ter.

Por último temos a atitude humanista e emancipatória, que passa pelo entendimento dos contextos e desejos já vivenciados e os que são possíveis de serem vivenciados. O indivíduo que tem a consciência de suas possibilidades estão mais próximos de alcançarem a autonomia.

“Educar integralmente a criança exige a responsabilidade e o cuidado de considerar todas as suas dimensões e trabalhar para que nenhuma delas fique de fora do seu processo de desenvolvimento. Sendo a sexualidade uma dimensão ontológica do ser humano, jamais poderemos deixar de contemplá-la neste processo de educação”. (Nunes, 2000: p.124).

5.3 – O pensamento dos profissionais do CEI

Através das respostas obtidas nas entrevistas realizadas, percebe-se a necessidade de projetos, encontros e debates acerca da sexualidade infantil, com o objetivo de discutir com os educadores e demais funcionários sobre como agir diante das manifestações sexuais dos alunos.

Perguntados sobre *se acham que as manifestações sexuais infantis presenciadas por eles, são naturais*, todos responderam que sim, embora a maioria tenha verbalizado que não deveriam ocorrer na escola.

- São naturais, mas não deveriam acontecer na escola. Se acontecem é por que falta orientação para as crianças;
- São normais de acontecerem;
- São normais, mais os pais não entendem e acham que a culpa é da escola;
- São naturais, mas não significa que devemos permitir que continuem acontecendo.

A respeito da questão: *Você já presenciou alguma manifestação sexual infantil? Cite uma.* Todas responderam que sim, e as situações citadas foram:

- Alunos mostrando o órgão genital;
- Alunos manipulando o órgão sexual;
- Alunos se beijando;
- Aluno passando a mão no colega.

Todos citaram manifestações físicas que são as que causam maior incômodo nas funcionárias. Embora também aconteçam com frequência, não foram citados os questionamentos, nem os desenhos.

Diante das manifestações sexuais das crianças, que atitudes você geralmente toma?

- Converso com a criança e falo que aquele comportamento não pode mais acontecer;
- Falo com a criança e se o comportamento persistir converso com os pais;
- Falo com a diretora ou com a coordenadora pedagógica da escola;
- Fico brava, para ela saber que não pode fazer aquilo na escola;
- Oriento a criança.

A maioria dos profissionais demonstrou não saber como agir diante da situação, e as posturas tomadas são sempre na tentativa de evitar que tal atitude volte a ocorrer. Procuram na maioria das vezes conversar com a própria criança, já que, conversar com outro adulto sobre o assunto é uma dificuldade desses profissionais.

Ao serem questionados se gostariam que fosse feito um planejamento de educação sexual, a maioria mostrou interesse e apontou a necessidade de um trabalho neste sentido. E ao serem questionadas sobre: Como o trabalho deveria ser desenvolvido e por quem? As respostas obtidas foram as seguintes:

- Fosse trabalhado o ano todo e desenvolvido pela educadora;
- Deveria ter o suporte da psicóloga educacional;
- Acho que este não é um papel da escola;
- Planejamento coletivo uma vez por mês nas reuniões pedagógicas;
- Palestras para as funcionárias;
- Formação para as educadoras poderem trabalhar com as crianças;
- Primeiro fosse feito um trabalho com a família;

Entendemos que nosso compromisso com a educação sexual infantil vai além de ser uma mera disciplina de ensino. Ela deve sim fazer parte do projeto educativo na escola.

Quando foram questionados: *De quem seria a responsabilidade da educação sexual da criança: da escola ou da família?*

- Escola: 1
- Família: 3
- Escola e família: 7

A maioria respondeu que a escola e família devem trabalhar juntas na educação sexual das crianças, uma complementando o trabalho da outra.

A escola não concorre e nem substitui a família; ela contribui com a discussão sobre sexualidade, incluindo pontos sem impor determinados valores e regras que são colocados pela família.

Para trabalhar com a sexualidade infantil o professor terá que repensar sobre sua própria sexualidade, como ele foi educado e como ele educa atualmente, refletir sobre valores e conceitos que temos em relação ao sexo. Todos nós recebemos uma educação sexual influenciado pelo contexto cultural predominante e no Brasil a cultura patriarcal ainda é predominante.

Por que falar em sexo ainda está cercado de tabu e preconceito, porque os educadores tem tanta dificuldade em abordar este assunto?

- Não tiveram informação ou preparação;
- Falta de conhecimento;
- Porque receberam uma educação conservadora dos pais;
- Educação tradicional na escola;
- Falta segurança em abordar o tema;
- Sentem vergonha por não estarem acostumadas a falar abertamente sobre o assunto;

foram as respostas mais freqüentes.

Percebe-se que a educação sexual recebida dos pais e da escola influencia em como os professores estão educando atualmente e a falta de informação e preparação freqüentes.

As respostas dadas pelos funcionários do por que de algumas escolas não abordarem o tema sexualidade infantil de forma mais clara e consciente foram:

- Na sua formação acadêmica não tiveram uma disciplina que tratasse sobre o assunto;
- Falta de preparação e informação;

- Temem crítica da sociedade e dos pais;
- Não sabem como fazê-lo;
- Medo de errar;
- Falta iniciativa da equipe pedagógica;

Todos os entrevistados responderam que não tiveram na sua formação uma disciplina sobre: sexualidade infantil.

Finalmente concluímos através dos depoimentos dos professores entrevistados que o tema sexualidade infantil ainda é pouco discutido, há pouco espaço para debates, encontros e reflexão sobre o assunto, mas percebe-se também, apesar da timidez e do receio, o anseio, a necessidade e vontade sentida dos entrevistados em querer abordar a sexualidade de seus alunos de maneira significativa e construtiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de investigar as manifestações sexuais infantis e qual o pensamento e a postura dos profissionais da educação mediante estes comportamentos, foi possível retratar neste trabalho de que forma as crianças geralmente expressam sua sexualidade e como a escola, através de seus profissionais, aborda este assunto o assumindo ou não, como parte de seu currículo. Esta pesquisa, não pretendeu responder nenhuma pergunta, mas sim possibilitar a reflexão sobre a sexualidade infantil e suas especificidades. Neste sentido, a seguir resgatarei alguns dos assuntos abordados durante o trabalho.

Inicialmente é relevante destacar que os primeiros e principais responsáveis por uma educação sexual que permita uma visão consciente da sexualidade são os pais, mas os profissionais da escola devem aliar-se aos pais nessa difícil tarefa de educar.

Devemos ter claro, a relevância do papel do adulto como mediador entre a criança e o conhecimento, e que, assumindo ou não a tarefa de orientá-los, conversando ou não, estaremos dando educação sexual. Portanto, resta-nos escolher que tipo de educação sexual desejamos oferecer às crianças, uma educação sexual que reforce os papéis tradicionais reproduzindo os padrões sociais dominantes da sociedade atual, ou uma educação sexual diferenciada que questiona e critica o atual modelo de educação sexual reprodutor, buscando uma prática mais igualitária.

“... O dilema está posto; ou educamos nossas crianças para, num esforço humano e institucional gigantesco de questionar o senso comum e ousar propor práticas e significações emancipatórias, ou assumimos que nossa atuação como pais e educadores significa tão somente o reforço do conservadorismo e a permanência e continuidade do tradicionalismo.” (Nunes, 2000: p.128)

É responsabilidade do educador aumentar o repertório cultural das crianças, inclusive no campo da sexualidade. No entanto, para que isso ocorra de forma natural é necessário que o professor tenha um espaço para refletir e construir um saber a partir da vivência das suas questões sobre a sexualidade, superando suas dificuldades em tratar desse tema.

Vergonha, desamparo e despreparo são as principais barreiras enfrentadas pelo professor na hora de tratar a sexualidade, de acordo com as entrevistas coletadas. Para orientar bem as crianças sobre o tema é preciso que esses profissionais, primeiro enfrentem as suas próprias limitações, por isso, seria interessante as escolas oferecerem espaço para que os professores pudessem discutir, as manifestações sexuais que aparecem na escola e suas dúvidas em torno da sexualidade. Esse aparente despreparo dos educadores atrapalha o desenvolvimento da sexualidade infantil, já que o levam a tratar as manifestações sexuais de maneira inadequada.

Ao tentar lidar com as manifestações sexuais dos alunos, os educadores e funcionários entrevistados acabaram transmitindo o que eles entendem sobre sexualidade. Alguns por medo de reproduzir a educação repressiva aceitaram comportamentos sexuais inadequados portando-se de maneira omissa. Outros repetiram a educação repressora que receberam e repreenderam as crianças mais do que deveriam.

Com isso, ficou constatado que as posturas observadas, e também relatadas, mais freqüentes foram: a *atitude autoritária e repressiva* e a *atitude ausente, omissa e permissiva*. Ficou constatado também, a grande falta de conhecimento dos profissionais acerca do assunto, que não tiveram acesso durante a formação e também atualmente, ao conhecimento do desenvolvimento sexual humano.

O reconhecimento deste despreparo, e a manifestação do desejo de superação das dificuldades por meio de aquisição de novos conhecimentos, expressados nas entrevistas pelos educadores e funcionários, impede-nos de

sermos pessimistas e deixa-nos com a esperança de que uma educação sexual, senão totalmente emancipatória, mas que pelo menos busque criticar as nossas bases culturais, é possível.

A concepção para uma educação emancipatória de homens e mulheres, conforme afirma Nunes (2000), deverá ser científica, crítica e ao mesmo tempo cultural e politicamente aberta e livre.

A educação sexual é antes de tudo Educação e, como Educação, tem o papel de provocar mudanças. Alunos, educadores e funcionários podem juntos buscar construir um conhecimento sobre a sexualidade humana para dar, ou não, novo significados a suas vivências. O trabalho de educação sexual escolar tem de ser pensado numa perspectiva metodológica interdisciplinar, pensado coletivamente e sob uma perspectiva política que leve em consideração o caráter de historicidade do discurso sobre sexualidade na sociedade ocidental como um caminho possível a uma Educação que se pretende transformadora e emancipatória.

A educação sexual só acontece quando assumida pela escola toda, como dimensão básica e fundamental do processo humano e educativo. Não há educação sexual voluntarista ou espontaneísta. Agora é necessário compreender que educação sexual não se resume a um conjunto de informações médico-biológicas, nem terapêutico-descompressivas. A educação sexual é formar a pessoa inteira para uma vivência gratificante e responsável de sua inalienável capacidade humana de desejar e ser desejado, amar e ser amado.(Nunes, 2000: p. 126).

Uma vivência afetiva e sexual plena é uma condição fundamental para o equilíbrio de qualquer indivíduo. A Educação Sexual assume, portanto, um papel importante na formação dos jovens cidadãos.

Conhecer os próprios limites, reconhecer a complexidade do tema e exercer seu papel com dignidade: é dessa maneira que o professor pode contribuir para uma educação sexual emancipatória.

Referências Bibliográficas

- AQUINO, J. G. **Sexualidade na Escola: alternativas teóricas e práticas**. 3ª ed. São Paulo: Summus, 1997.

- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília:MEC/ESF, 1998..

- _____ Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais; pluralidade cultural, orientação sexual** / Secretaria de Educação Fundamenta. Brasília : MEC/SEF, 1997.

- CABRAL, J.T. **A sexualidade no mundo ocidental**. Campinas, SP: Papyrus,1999.

- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. **Sexualidade e Infância; A sexualidade como tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

- CONSTANTINE, Larry L.; MARTINSON, Floyd M. **Sexualidade Infantil: Novos Conceitos, Novas Perspectivas**. São Paulo: Roca, 1984.

- FOCALT, M. **Historia da sexualidade I, a vontade de saber**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1999.

- FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro. Imago; 1997.

- GAMBOA, S.S. LOMBARDI, J.C.(ORG) **Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais**. Campinas, SP: Autores Associados; HISTEDBR; Caçador, SC: UnC, 1999.

- GALLACHO, J. C. **Orientação sexual em um trabalho integrado educação e saúde: estudo analítico – descritivo e documental de um programa de intervenção**. Dissertação de Mestrado em Educação Escolar, Unesp, 2000.

- GUIMARÃES, I. **Educação Sexual na Escola, mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

- KUPFER, M. C. **Freud e a Educação – O Mestre do Impossível**. 3ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

- NUNES, C.A. **Desvendando a sexualidade**. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 1999.

_____SILVA, E. **As manifestações da sexualidade da criança**. Campinas,SP: Século XXI, 1997.

_____SILVA, E. **A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

- SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico na Universidade**. São paulo: Cortez, 1976.

- ROSSONI, (1995),

ANEXO

ENTREVISTA

1 – Dados Pessoais:

- Formação escolar:
- Função que ocupa:
- Há quanto tempo trabalha na escola:

2 – Você acha que as manifestações sexuais infantis apresentadas pelas crianças, são naturais?

3 – Você já presenciou alguma manifestação sexual infantil? Cite uma.

4 – Diante das manifestações sexuais das crianças, que atitudes você geralmente toma?

5 – Se gostariam que fosse feito um planejamento de educação sexual, Como o trabalho deveria ser desenvolvido e por quem?

6 – De quem seria a responsabilidade da educação sexual da criança: da escola ou da família?

7 – Por que falar em sexo ainda está cercado de tabu e preconceito, porque os educadores tem tanta dificuldade em abordar este assunto?

8 – Por que algumas escolas não abordam o tema sexualidade infantil de forma mais clara e consciente?